

TRANSPORTE AÉREO

TAP planeja crescer no Brasil

De olho nas eleições brasileiras, empresa portuguesa pretende ampliar número de voos e alcançar mais destinos no país em 2023

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Vicente Nunes/CB/D.A Press



Temos grande presença no Brasil. Por isso, vamos ver o que acontecerá com as eleições no país. Também é forte a nossa presença na América do Norte e na África. Optamos por viagens mais longas, que têm se mostrado mais rentáveis"

Christine Ourmières-Widener, presidente da TAP

Lisboa — A TAP, empresa aérea de Portugal, que voa para 11 destinos do Brasil, está acompanhando com lupa o andamento das eleições presidenciais no país. Não sem razão. As medidas que vierem a ser tomadas na economia a partir de 2023 pelo futuro governo podem afetar os planos da companhia, que planeja crescer no mercado brasileiro. Segundo a presidente da TAP, Christine Ourmières-Widener, num primeiro momento, a ideia é ampliar a frequência de voos já existentes, de três ou quatro semanais para sete. Depois, aumentar o número de cidades atendidas. “Fomos procurados por todos os aeroportos do Brasil”, disse a executiva. “Com os nossos 11 destinos, já temos a maior rede de atuação de uma companhia aérea internacional no Brasil”, acrescentou.

Os detalhes da possível expansão da TAP no Brasil poderão ser conhecidos em novembro, quando será fechado seu plano estratégico para 2023. Há uma série de pontos sendo considerados, como uma possível desaceleração da economia mundial, que pode mergulhar numa recessão; os impactos da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, sobretudo nos preços dos combustíveis e da energia elétrica; a inflação; o aumento dos juros; e a escassez de mão de obra qualificada; e a infraestrutura dos aeroportos mundo afora, já

que, no mais recente verão europeu, houve caos no atendimento aos viajantes, com frequentes cancelamentos e atrasos de voos e perdas de bagagens. A TAP esteve na ponta desse tumulto.

“Começamos a trabalhar em nosso orçamento para o próximo ano, analisando todos os riscos macroeconômicos e olhando

o que estão fazendo nossos concorrentes. Temos analisado o impacto potencial na inflação, todos os rumores sobre uma recessão, a variação cambial, os preços dos combustíveis”, afirmou Christine. Ela reconheceu, porém, que a TAP voa para destinos que não são exatamente os mesmos de outras companhias

aéreas. “Temos grande presença no Brasil. Por isso, vamos ver o que acontecerá com as eleições no país. Também é forte a nossa presença na América do Norte e na África. Optamos por viagens mais longas, que têm se mostrado mais rentáveis”, assinalou.

O espaço para crescimento da TAP, no entanto, é limitado, uma

vez que dispõe de uma frota de 99 aeronaves. “Esse é um limite que temos, com nosso plano de reestruturação. Ainda podemos crescer, mas de forma que seja razoável, sem comprometer os resultados globais da empresa”, destacou a executiva. Ela acredita que, a despeito de todas as incertezas no horizonte,

a demanda por viagens continuará aumentando, inclusive as de negócios, que mostraram resiliência maior do que a esperada. Pelos cálculos dela, independentemente de todo o estrago feito pela pandemia do novo coronavírus, as viagens a trabalho estão 20% abaixo das registradas em 2019.

Companhia busca recuperar imagem

Ao mesmo tempo em que traça os planos de atuação em 2023, a TAP está sendo obrigada a lidar com um problema que arranhou ainda mais a sua imagem: o vazamento de dados pessoais de seus clientes. A presidente da companhia não confirma os números, mas se estima que informações de pelo menos 1,5 milhão de pessoas que já viajaram pela empresa foram acessadas por um grupo intitulado Ragnar Locken, que estaria repassando os registros por meio da deep web. O ataque ao sistema de informática da TAP ocorreu entre 26 de agosto e 13 de setembro.

Foram obtidos nomes, endereços e e-mails de passageiros, além de documentos confidenciais da companhia, como acordos com outras empresas.

Em um vídeo divulgado na quarta-feira, Christine pediu desculpas à clientela. Ontem, ela reforçou que a companhia aérea está fazendo todo o esforço possível para conter os danos provocados pelos hackers. “Entramos em contato com nossos clientes, explicando tudo e ressaltando que sentimos muito. Também avisamos para que sejam cautelosos com mensagens suspeitas que venham a receber”, frisou. Segundo ela, tal

crise está sendo gerenciada desde o primeiro momento com a Microsoft, e sistemas de segurança foram implantados de forma a evitar que fatos como esse se repitam. “Estamos investindo em tecnologia e em pessoal, mas este é um mundo novo, em que não há 100% de segurança.”

A maior preocupação é com os dados financeiros dos clientes, mas a TAP assegura que essas informações estão protegidas. “Não é porque eles acessaram nossos arquivos que pegaram todos os dados”, disse Christine. Ela reconheceu, porém, que as empresas aéreas são alvos principais de hackers, seja por causa das informações que detêm, seja pelos estragos que eles podem fazer. “As companhias aéreas são um alvo muito bom para eles, porque o impacto pode ser catastrófico. Mas aprendemos com esse ataque e estamos investindo em especialistas

e em proteção adicional aos nossos clientes”, afirmou.

Serviços ruins

Sobre o péssimo atendimento prestado aos clientes nos últimos meses, a presidente da TAP ressaltou que houve um conjunto de fatores que jogaram contra, a começar pelos aeroportos de Portugal e de parte da Europa, que não estavam preparados para o aumento da demanda por viagens. “Toda a indústria aérea enfrentou problemas em vários aeroportos, mas é absolutamente inaceitável o que vimos no último verão, principalmente em relação a nós”, destacou. As fragilidades operacionais fizeram com que voos atrasassem, conexões em Lisboa fossem perdidas e malas, extraviadas. Dois casais brasileiros, que embarcaram em Brasília pela TAP, viajaram pela

Europa por três semanas sem seus pertences. As bagagens só foram recuperadas 40 dias depois, ainda assim, pelo esforço dos passageiros, não da empresa.

“Achamos que a qualidade dos serviços que estamos oferecendo hoje não é aquela que gostaríamos. Absolutamente, não”, frisou Christine. Mas, na opinião dela, há muita coisa que pode ser feita para diminuir os transtornos, que são corriqueiros. “Primeiro, nos certificando de que os aeroportos nos quais operamos têm recursos suficientes para prestar os serviços necessários. Tem sido um problema em todos os lugares encontrar pessoas para recrutamento. Em Lisboa, por exemplo, muita gente deixou de trabalhar no aeroporto porque as condições são bastante difíceis e os serviços, muito pesados”, acrescentou. Para piorar, a empresa contratada pela TAP no terminal

da capital portuguesa ficou insolvente e teve de ser substituída em meio ao caos.

Para a presidente da TAP, é fundamental garantir que esses problemas não se repitam, especialmente nos períodos em que o número de voos aumenta consideravelmente, como no verão europeu. “Estamos comprometidos com isso”, garantiu. Em relação aos preços das passagens, por enquanto, não há perspectivas de queda. A determinação da empresa é manter a rentabilidade por passageiro, que vem crescendo, em especial dos que partem do Brasil. A justificativa é de que os custos operacionais aumentaram muito. A TAP previa gastar 1 bilhão de euros (R\$ 5,5 bilhões) com combustíveis neste ano, mas a fatura terá acréscimo de pelo menos 400 milhões de euros (R\$ 2,2 bilhões). A empresa quer voltar a ter lucro até 2025. (VN)

COMBUSTÍVEIS

Corte de 6% no gás

» FERNANDA STRICKLAND
» RAFAELA GONÇALVES

A Petrobras anunciou, ontem, mais uma redução no preço do gás de cozinha (GLP; gás liquefeito de petróleo), sendo a segunda queda registrada desde 13 de setembro. Desta vez, o corte foi de 6%. Com a nova redução, a partir de hoje, o preço médio cobrado das distribuidoras pela estatal passa de R\$ 4,0265 por quilo para R\$ 3,7842/kg — o que corresponde, em média, a R\$ 49,19 por 13 quilos (o peso do conteúdo do botijão comum).

“Essa redução acompanha a evolução dos preços de referência e é coerente com a prática de preços da Petrobras, que busca o equilíbrio dos seus preços com o mercado, mas sem o repasse para os preços internos da volatilidade conjuntural das cotações e da taxa de câmbio”, disse a estatal, em nota, reforçando que a transparência em sua política de preços é fundamental.

O preço do GLP havia sido alterado pela última vez em 13 de setembro, quando o quilo passou de R\$ 4,23 para R\$ 4,03, o equivalente a R\$ 52,34 por 13kg. Em

Ed Alves/CB/D.A Press



Petrobras diminuiu o preço cobrado das distribuidoras pelo botijão

abril, a Petrobras já havia anunciado uma redução de R\$ 4,48 para R\$ 4,23 por quilo. Antes das últimas quedas, no entanto, o gás de cozinha vinha em trajetória de alta. Em março, houve um reajuste de 16,1%. Já em outubro do ano passado, o aumento havia sido de 7,2% e, em julho do mesmo ano, de 6%.

O economista Eric Gil Dantas, do OSP e do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos e Sociais (Ibeps) afirmou que a queda ocorre tanto por conta do preço elevado do botijão, quanto pela crise econômica. “Em 2021, o consumo de lenha foi o maior em mais de uma década, de acordo com

levantamento da EPE (Empresa de Pesquisa Energética). O cenário atual, lamentavelmente, é de mais lenha e menos gás. Nem o auxílio-gás foi, até agora, suficiente para impedir esse retrocesso, o que mostra o tamanho do problema”, destacou o economista.

Desde 2018, a partir da escalada do valor do gás, que é acompanhado pela política de preços da Petrobras — o Preço de Paridade de Importação (PPI) —, a lenha passou a ser a segunda fonte de energia residencial mais utilizada no Brasil, de acordo com a EPE. A principal fonte de consumo é a energia elétrica, vindo o GLP em terceiro lugar.

MERCADOS

Bolsa sobe e dólar cai

Um dia após a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central de interromper o ciclo da alta e manter a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano, os mercados brasileiros tiveram desempenho positivo. O Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), manteve a tendência de alta dos últimos pregões e subiu 1,91%, fechando aos 114.070 pontos. E o dólar comercial caiu ante o real — baixa de 1,14%, cotado a R\$ 5,114 para venda no fim da sessão.

O cenário favorável no país contrastou com o clima global de aversão ao risco, com alta de juros nas principais economias do mundo. Na bolsa, o otimismo dos investidores brasileiros ganhou impulso com a valorização de commodities como minério de ferro e petróleo no mercado internacional, que motivaram alta das ações de empresas como Vale e Petrobras.

Além disso, a decisão do Banco Central de segurar os juros veio em linha com o consenso da maioria dos analistas. Para Ariane Benedito,

economista e especialista em mercado de capitais, a decisão do Copom mostrou que o Brasil está à frente aos bancos centrais dos Estados Unidos e da Europa, que começaram mais tarde o aperto monetário para controlar a inflação.

“O Ibovespa vem descolando do cenário internacional já no acumulado da semana passada e esta semana não está sendo diferente. A expectativa é positiva, advinda da sinalização do Copom de fim de aperto monetário por aqui, o que dará um respiro para os ativos mais conectados à Selic na bolsa, como o setor de varejo e de serviços. Entretanto, a movimentação que a gente vê é, principalmente, uma valorização de ativos ligados à commodities e bancos”, observou Benedito.

Mesmo com a sinalização do BC de interromper o aumento dos juros, a decisão indica um prolongamento da taxa por mais tempo, observou a economista. “Isso pode causar, dentro do horizonte relevante, uma desaceleração da atividade, o que pode ser um remédio amargo para a economia real, após essa boa reação do mercado”, destacou.

No cenário externo, o mercado segue repercutindo alta de 0,75 ponto percentual nas taxas de juros do Federal Reserve (Fed), banco central

norte-americano, indicando que novas altas virão. Em Nova York, o pregão de ontem foi marcado pela volatilidade, mas os principais índices terminaram o dia no vermelho. O Dow Jones caiu 0,36%; o S&P 500 recuou 0,85%; e a Nasdaq, bolsa de tecnologia, teve baixa de 1,37%.

Desaceleração global

A alta dos juros nos Estados Unidos e em outros países desenvolvidos aponta para uma desaceleração da economia mundial à frente. “Um dos objetivos da alta dos juros para conter a inflação é a redução da atividade econômica e, conseqüentemente, uma piora do emprego americano. Isso é parte dos canais de transmissão dos juros para reduzir a inflação”, ressaltou o economista-chefe do Banco Original, Marco Caruso.

Este cenário gera um receio de que a economia dos Estados Unidos esteja caminhando para uma recessão, o que desaceleraria ainda mais todo o resto do mundo, incluindo o Brasil, através das exportações. “Outro canal que afeta a economia global é que os juros americanos mais altos também pressionam as curvas de juros em outros países, o que desenha uma atividade econômica mais baixa”, acrescentou Caruso. (RG)